

O mito de Asclépio e a arqueologia dos seus santuários na Grécia antiga

The myth of Asclepius and the archaeology of his sanctuaries in Ancient Greece

Scheila Koch¹

Resumo

Neste trabalho, apresentamos uma introdução ao culto de Asclépio na Grécia antiga, acompanhado de algumas narrativas mitológicas sobre a origem desse deus-herói cujo culto se relaciona com a origem da Medicina ocidental. Depois, descrevemos três dos seus principais santuários, localizados nas pólis de Epidauro, Atenas e Corinto, enfatizando, para isso, os seus vestígios arqueológicos.

Palavras-chave: Asclépio, origem da Medicina, Arqueologia, Grécia antiga.

Abstract

In this work we present an introduction to the cult of Asklepios in Ancient Greece, accompanied by a few mythological narratives about the origin of this hero-god, whose cult is related to the origin of Western Medicine. Then, we move on to describe three of his main sanctuaries, located in the poleis of Epidauros, Athens and Corinth, with an emphasis on their archaeological remains.

Keywords: Asklepios; Asclepius; origin of medicine; Archaeology; Ancient Greece.

INTRODUÇÃO

Apresentaremos, no presente artigo, uma visão geral do culto de Asclépio (Esculápio, para os latinos), um deus-herói associado à cura que desfrutava de grande popularidade no mundo greco-romano. Discutiremos, depois disso, a estrutura de alguns dos seus principais santuários. Estes, além de meros locais de culto, eram também espaços para a higienização e tratamento médico, constituindo-se também em espaços de estudo, prática de esportes e atividades culturais.

A mitologia nos legou versões alternativas sobre o nascimento de Asclépio. Esse deus-herói da Medicina – na versão de Píndaro, a mais conhecida – seria filho do deus Apolo e de Corônís, filha do rei Flégias da Tessália. Grávida de Apolo, Corônís, então, cedeu ao amor de um mortal, Ísquis, filho de Élatos (GRIMAL, 2000: 49-50).

¹ Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Histórica. Está cursando mestrado em Arqueologia Clássica no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE- USP). É sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) desde 2009 e membro do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA/MAE-USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7185-0078>

Tendo sido avisado por uma gralha, um corvo, ou ainda por sua intuição, Apolo a teria matado e, no momento em que o seu corpo seria queimado, arrancou-lhe do ventre a criança ainda viva.

Outra versão do nascimento de Asclépio existia para explicar por que razão ele era o grande deus da pólis de Epidauro, no Peloponeso. Nela, Flégias não é um rei, mas um ladrão que chegara à região para se apossar das suas riquezas. Ele viera acompanhado pela sua filha que, no decurso da viagem, fora seduzida por Apolo, dando à luz em segredo a um filho junto a uma montanha chamada Mírtio, onde em seguida o teria abandonado (GRIMAL, 2000: 49-50). Foi então que uma cabra veio amamentar a criança e um cão guardá-la. Um pastor de nome Arestanas, a quem pertenciam a cabra e o cão, encontrou o menino e espantou-se com o brilho que o envolvia. Compreendeu, assim, que estava diante de um mistério e, não ousando recolher o bebê, prosseguiu sozinho.

Havia ainda outra versão em que Arsíone, filha de Leucipo, era apresentada como mãe de Asclépio. Essa versão vinha da tradição micênica e procurava harmonizar-se com as outras, assegurando que a criança era filha de Arsíone, mas tinha sido alimentada por Corônis (GRIMAL, 2000: 49-50). Ainda segundo essa tradição, o menino Asclépio teria sido confiado ao centauro Quíron, que lhe ensinou a Medicina. Asclépio teria adquirido grande destreza nessa arte, descobrindo inclusive como ressuscitar os mortos (GRIMAL, 2000: 49-50). Essa proeza seria decorrente de ele ter recebido de Atena o sangue que escorrera das veias da Górgona. Enquanto as veias do lado esquerdo espalharam um veneno violento, o sangue do lado direito era benéfico e Asclépio sabia bem utilizá-lo. O número de pessoas que ele ressuscitou, utilizando-se dessa estratégia, teria sido considerável.

Zeus, o pai dos deuses, temendo que fosse alterada a ordem do mundo por conta dessas ressurreições, fulminou Asclépio com um raio. Por vingança, Apolo matou os Ciclopes, os ferreiros que fizeram o relâmpago. Pela ousadia, Zeus estava à beira de destruir Apolo quando Leto se interpôs entre ambos e conseguiu a reconciliação: Apolo teve de evitar os deuses durante um ano e trabalhar como servo de Admeto, o mortal marido de Alceste. Assim, o mito regressa à Tessália.

Existe uma correspondência curiosa entre o início e o fim do mito: Apolo salva uma vida da pira de fogo, mas a vida que aspira à imortalidade é interdita pelo fogo celeste, o raio de Zeus, que lhe impõe um limite irrevogável (BURKERT, 1993: 417).

Alguns testemunhos tardios mostram Asclépio participando na caçada de Cálidon na expedição dos Argonautas. Ainda assim, de maneira geral, Asclépio permaneceu afastado dos ciclos lendários.

São atribuídos a Asclépio dois filhos: os médicos Podalírio e Macaon, referidos na *Iliada*. Fases posteriores da lenda atribuem-lhe uma esposa, Épione, e as filhas Aceso, Iaso, Panaceia, Egle e Higieia (GRIMAL, 2000: 49-50).

Por volta do ano 500 AEC, foi construído o santuário de Epidauro, pólis que, ao erigir um espaço pan-helênico, colocou todas as outras em segundo plano (HANSEN & NIELSEN, 2004: 607), tornando-se o centro e o ponto de partida de toda a veneração a Asclépio, além de se apoderar do mito de nascimento da divindade.

Mesmo o culto de Asclépio que se desenvolveu na Tessália, em Trica, onde uma das tradições aponta a sua origem, fixou-se a partir dali principalmente em Epidauro, onde se desenvolveu uma verdadeira escola de Medicina, cujas práticas eram, sobretudo, mágicas, mas que preparou o advento de uma Medicina mais “científica”, como a praticada pelos ditos “Asclepiades”, sacerdotes médicos considerados descendentes de Asclépio (GRIMAL, 2000: 49-50).

Assim, no século IV AEC, Epidauro construiu um dos santuários mais suntuosos da Grécia, contendo um dos mais belos entre os teatros gregos. Nesse mesmo século, o culto já havia chegado a Atenas, vindo de Epidauro, e já existia na cidade ática quando ocorreu a grande peste mencionada por Tucídides.

No que diz respeito à iconografia, as insígnias usuais de Asclépio eram a serpente ao redor de um bastão, as pinhas, a coroa de loureiro, uma cabra, um cão e um galo.

Ao contrário de outros deuses, dotados de personalidades complexas, Asclépio deve a sua popularidade a uma única função particularmente importante para os homens, a cura de doenças (BURKERT, 1993: 417).

Além da tradição da Tessália, existiam pretensões especiais da Messênia em relação a Asclépio. Além disso, no século V AEC, os asclepiades de Cós alcançaram grande fama, entre os quais se destacou Hipócrates. Nessa localidade, os asclepiades organizavam-se em tribos, de modo que cada novo discípulo que ingressava na tribo era adotado por um dos seus membros (BURKERT, 1993: 417).

Após a construção da pólis principal da ilha de Cós, em 366/5 AEC, foi fundado também um novo santuário em honra a Asclépio, o qual gradualmente tornou-se cada vez

mais suntuoso. Cabe notar, que o santuário de Epidauro havia sido construído mais de um século antes, por volta de 500 AEC¹.

Mais tarde, foi fundado um Asclepieion em Pérgamo que, durante o período Imperial Romano, superou todos em importância (BURKERT, 1993: 417). Os templos dedicados a Asclépio se multiplicaram tanto na Grécia a ponto do geógrafo e viajante Pausânias ter mencionado sessenta e três deles no século II EC (SAGLIO, 1892: 470-472).

A documentação sugere que, no início, os Asclepiades ensinavam apenas aos seus filhos os conhecimentos medicinais que haviam recebido dos seus pais, de modo que a arte da Medicina passava de pai para filho e se conservava nas famílias sacerdotais. Era uma educação doméstica e de iniciação, que não saía dos templos dos quais os sacerdotes tinham o monopólio (SAGLIO, 1892: 470-472). Os testemunhos de Hipócrates e de Galieno não deixam ponto de dúvida sobre este fato, mas é igualmente certo que muito antes do tempo de Hipócrates, os profanos já conheciam a arte da cura, como foi o caso do herói Anfiarau. Já Licurgo, rei espartano, desejava que os médicos fossem ligados ao exército da Lacedemônia e diversos autores pensam que esses médicos seriam os asclepiades.

Acreditamos que os sacerdotes por vezes exerciam a Medicina fora dos templos, como evidencia o exemplo de Hipócrates (SAGLIO, 1892: 470-472). Com efeito, Hipócrates pertencia ao sacerdócio médico e viajava pela Grécia praticando a Medicina como ele próprio nos informou em seus textos.

Os asclepiades saíam dos templos para visitar os doentes e, com o passar das gerações, também para ensinar alunos estranhos à casta sacerdotal, como mostrou Platão com relação a Protágoras (SAGLIO, 1892: 470-472).

Os *Asclepieia* (templos dedicados a Asclépio), em geral, eram erigidos em lugares salubres e agradavelmente situados. Em frente ao templo costumavam ficar as dependências onde se hospedavam os doentes suplicantes; mais adiante, poderia ser construída uma edificação circular em mármore branco, chamada *tholos*, dentro da qual se achava um grande número de colunas sobre as quais se inscrevia os nomes dos doentes curados pelo deus, as doenças pelas quais eles haviam vindo ao templo e a maneira como eles haviam sido tratados (SAGLIO, 1892: 470-472). Essa é, basicamente, a descrição do Asclepieion de Epidauro dada por Pausânias.

¹ Doravante, “AEC” denota Antes da Era Comum e “EC” denota “Era Comum”.

Antes de serem aprovados no templo ou nas consultas, os doentes que procuravam o santuário eram submetidos a práticas higiênicas revestidas de um ritual religioso. Durante o processo de preparação, passavam por jejuns que chegavam a durar vários dias, além da limpeza do corpo com finalidade de purificação religiosa, acompanhado por banhos, unções e purificações variadas após os sacrifícios (SAGLIO, 1892: 470-472).

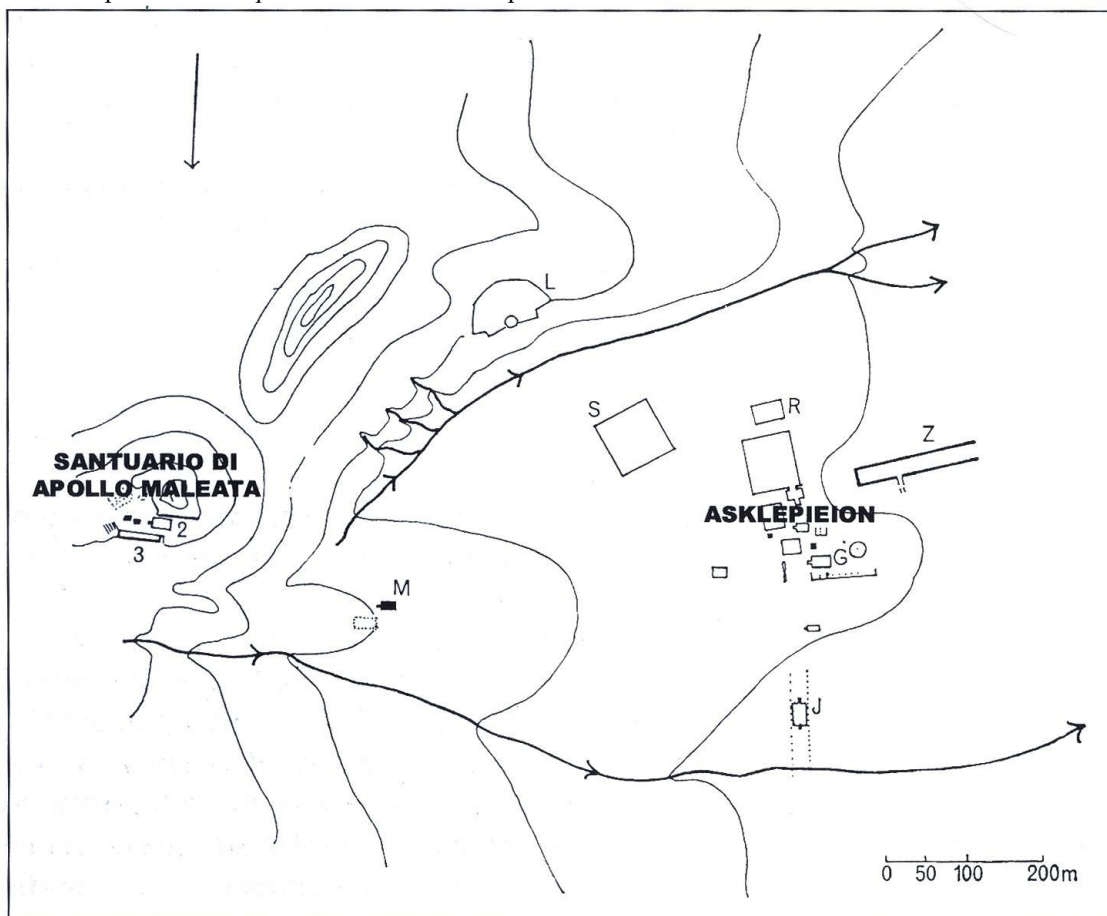
Essa preparação acontecia, portanto, no início do tratamento e devia ser precisamente executada pelos doentes, pois a religião grega tinha um caráter mais ritualístico do que dogmático. Uma vez completados estes atos preliminares, era permitido ao doente suplicante ser admitido para pernoitar no recinto sagrado, um processo conhecido como “incubação”.

Em seguida, discutiremos três dos mais importantes santuários de Asclépio na Grécia antiga, em Epidauro, Atenas e Corinto. A sua história construtiva reflete o desenvolvimento do próprio culto. Para realizar essa empreitada, baseamo-nos em relatórios de escavação e em fontes literárias. Procuramos estabelecer conexões que nos permitissem compreender os processos de criação, desenvolvimento e abandono desses santuários.

O asklepieion de Epidauro

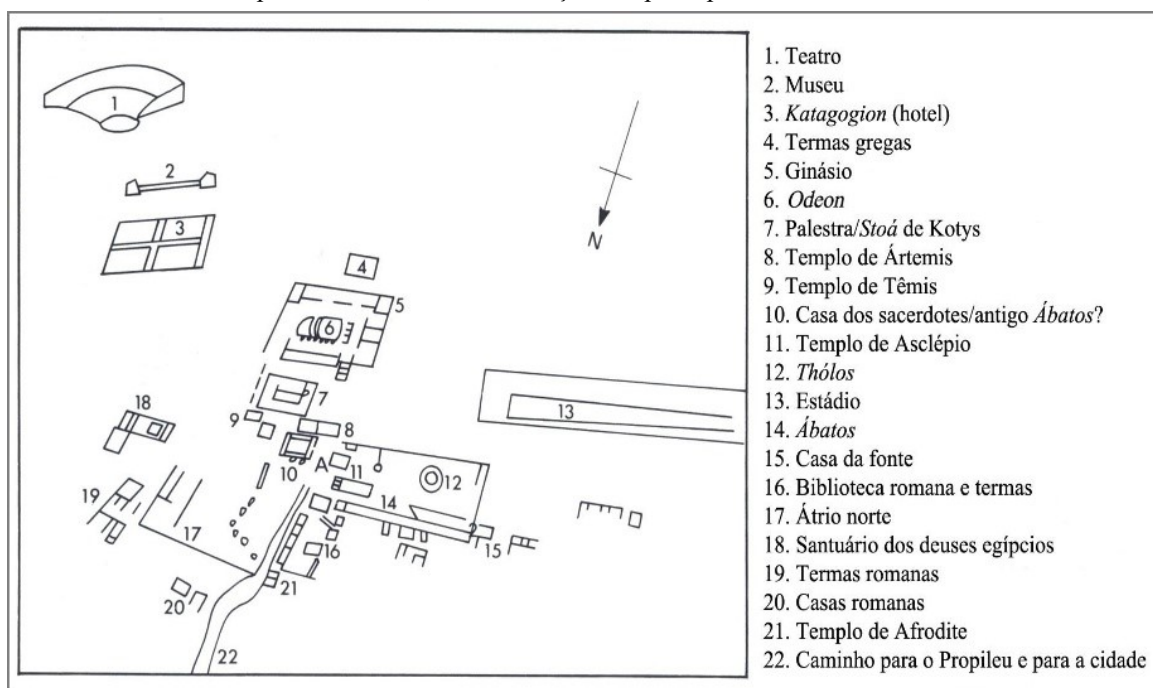
O santuário de Asclépio foi construído na planície abaixo do cume do monte Kynortion, como mostra a Planta 1, que indica a relação do *asklepieion* com o Santuário de Apolo Maleatas. Vestígios encontrados nas escavações apontam para conexões culturais com o santuário de Apolo Maleatas, onde foram encontradas estruturas que apontam para o período Micênico; este santuário estava localizado no cume do monte Kynortion. A Planta 2 indica os principais edifícios do Santuário, porém no período romano, Pausânias mencionou que o *Asklepieion* ficava fora da cidade (*Pausanias*, II 26,10), mas contava com uma via de acesso a ela que partia do propileu. Por volta do século V AEC, o santuário já contava com os principais edifícios necessários para que as suas atividades culturais funcionassem plenamente.

Planta 1. Epidauro: *Asklepieion* e Santuário de Apolo Maleata.

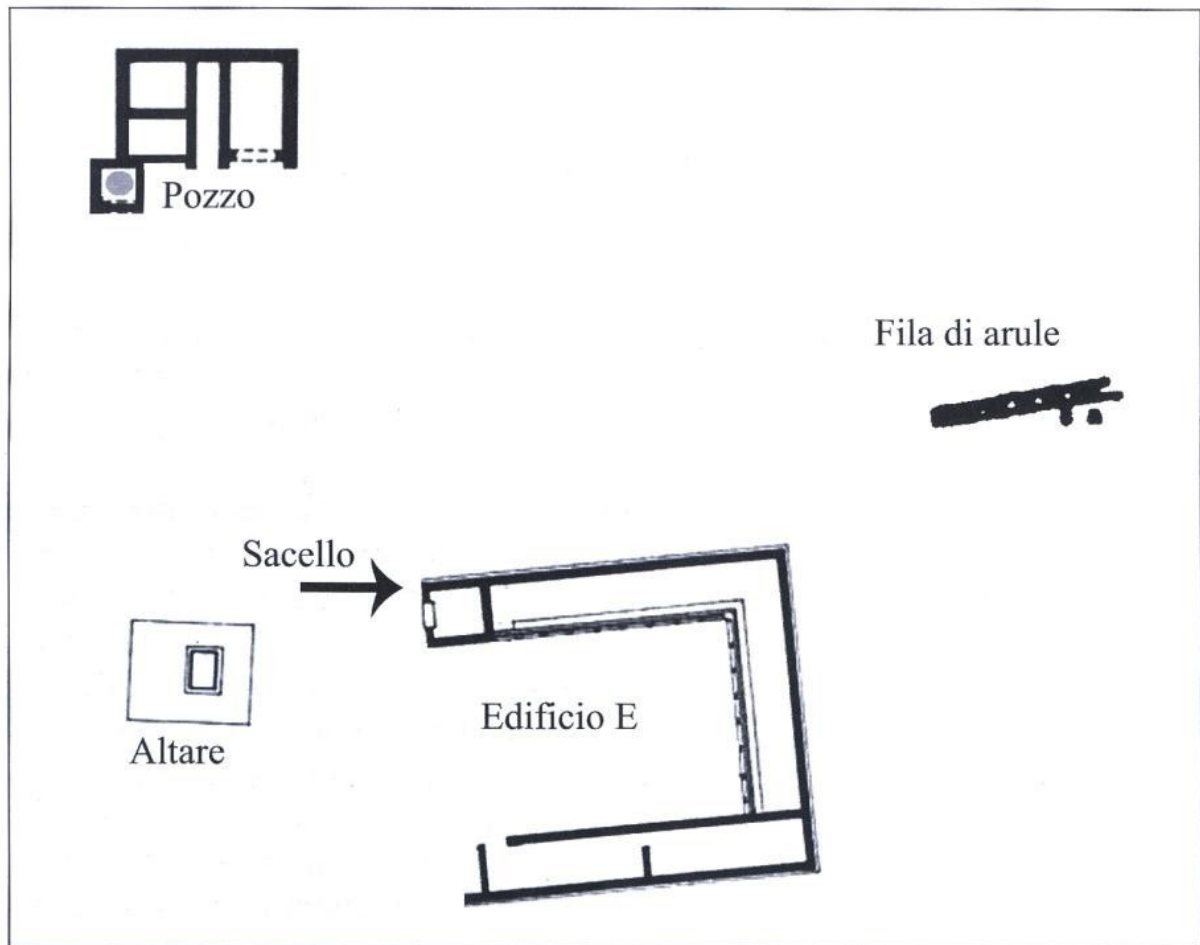


Fonte: MELFI, 2007, p. 18.

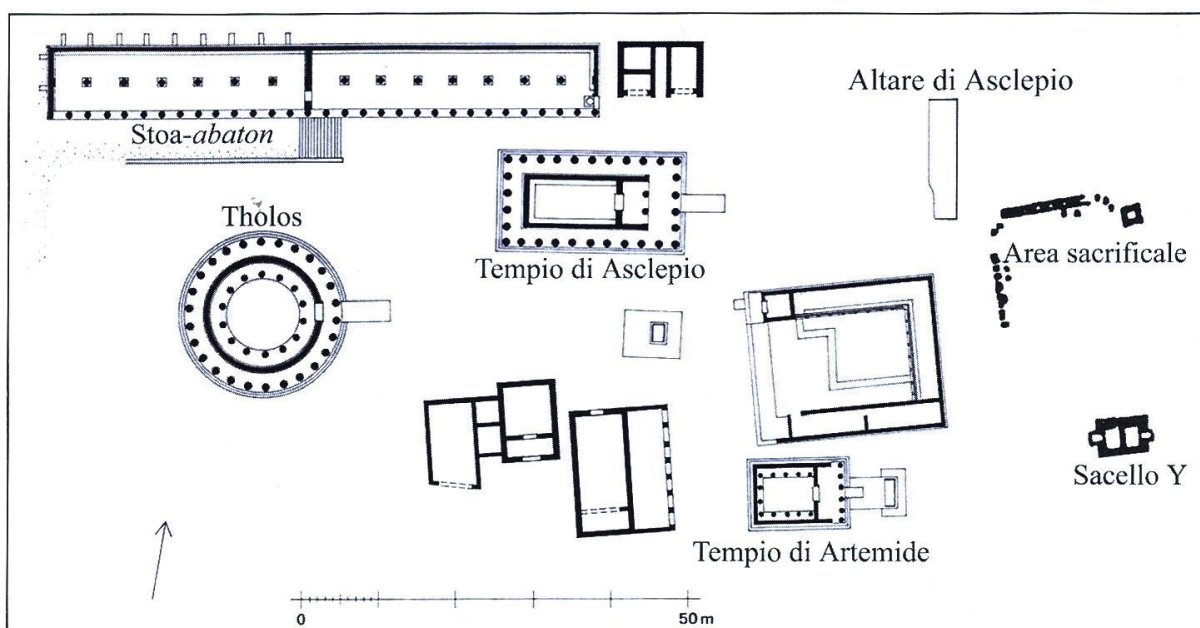
Planta 2. Santuário no período romano, com indicação dos principais edifícios.



Fonte: Banco de imagens do Laboratório de Estudos da Cidade Antiga/USP.

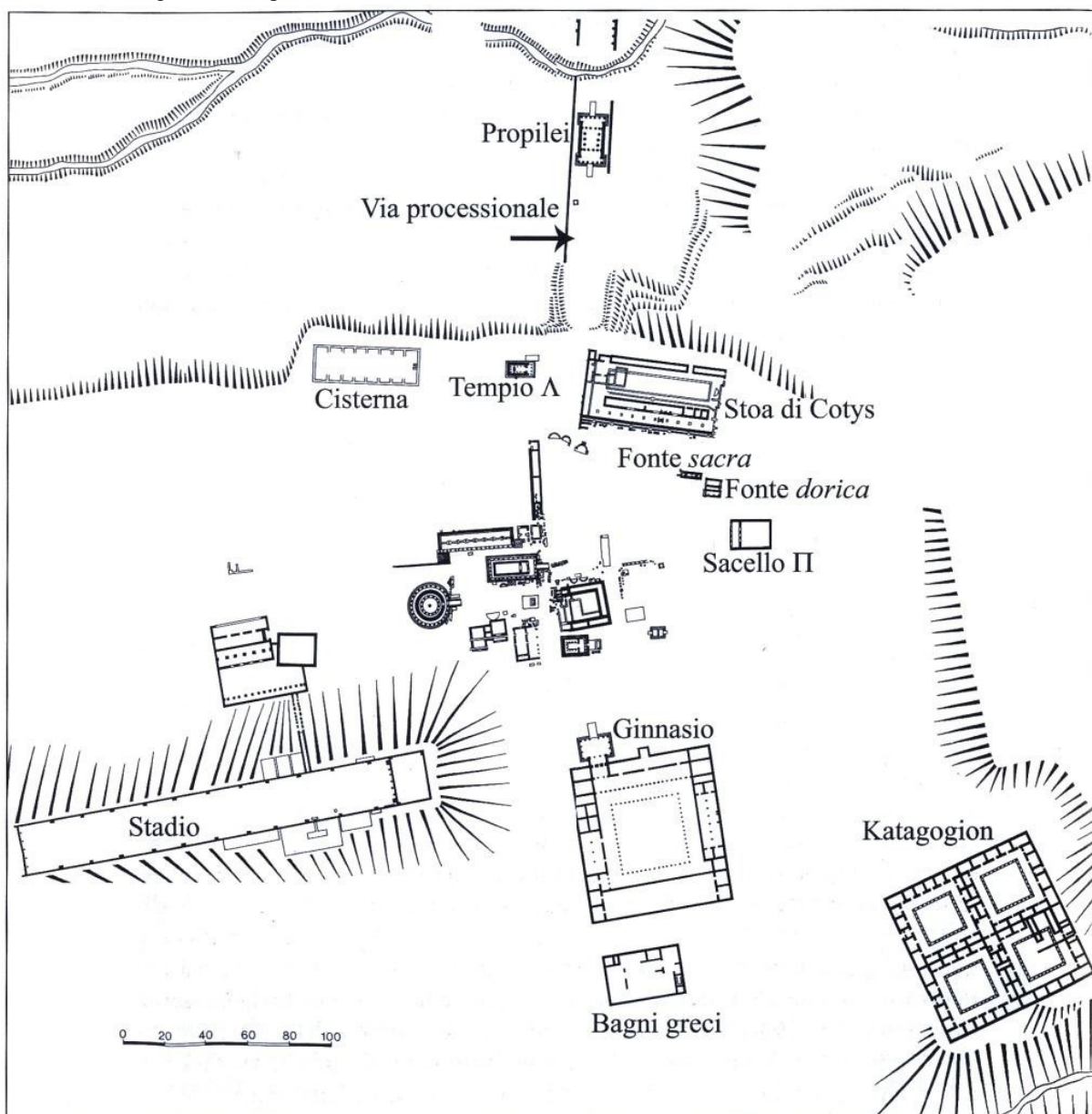
Planta 3. Asklepion de Epidauro no final do séc. V AEC.

Fonte: MELFI, 2007, p. 26.

Planta 4. Asklepion de Epidauro no final do séc. IV AEC.

Fonte: MELFI, 2007, p. 32.

Planta 5. *Asklepieion* de Epidauro no séc. III AEC.



Fonte: MELFI, 2007, p. 46.

No *Asklepieion* de Epidauro, muitos vestígios arqueológicos encontrados estão bem conservados, em grande parte, no nível da fundação. Os mais antigos vestígios relativos a práticas semelhantes às desenvolvidas no *Asklepieion* de Epidauro foram encontrados no topo do Monte Kynortion, por volta da metade do século VIII AEC. Segundo alguns pesquisadores (LAMBRINOUDAKIS, 1974; PAPADIMITRIOU, 1948; *apud* MELFI 2007, p. 29), o que sugere uma conexão entre o culto a Asclépio e o culto a Apolo (outra divindade ligada à cura).

As características do culto a Apolo parecem ter se mantido desde o período micênico, consistindo na prática de sacrifícios e banquetes. Também foram encontrados instrumentos médicos no santuário de Apolo Maleata, enquanto os mais antigos dados epigráficos são datados entorno do ano 460 AEC. Da segunda metade do século VI AEC, são datadas as primeiras atestações epigráficas de um culto na base do Monte Kynortion, onde foram encontrados um pequeno altar de cinzas em frente a uma pequena capela, um poço e vestígios de uma pequena *stoá* feita com material perecível.

O santuário localizado no topo do Monte Kynortion, no século V AEC apresenta registros de culto a Apolo definido como “Pítio” e as primeiras comprovações de culto às musas (*Mnemosina*). Além da conexão de Apolo com as musas, já conhecida desde o século V AEC, existem confirmações da ligação com o culto a Apolo em Delfos: Dioniso, que está intimamente ligado a Apolo no mito délfico aparece em uma das dedicatórias atribuídas a Zeus nas inscrições encontradas no monte Kynortion. Assim, existem dados epigráficos que nos permitem acreditar numa prioridade cronológica do culto a Apolo em relação ao de Asclépio na região em que se localizam os dois santuários. O surgimento do culto de Asclépio em Epidauro, todavia, não parece ser muito posterior de Apolo Pítio que, por sua vez, não parece ter uma ligação contínua desde os tempos pré-históricos para o cume do Kynortion (MELFI, 2007, p. 30).

Foram encontradas, também, quatro estelas contendo descrições de curas miraculosas que teriam acontecido no *Asklepieion* de Epidauro, datadas da segunda metade do século IV AEC, coincidindo com o período de monumentalização do santuário. Em Epidauro, é possível notar que a muitas das estruturas do santuário foram construídas a partir do século IV AEC: os banheiros, o Templo de Ártemis, o Templo de Têmis, o Templo de Apolo Pítio, o Templo do próprio Asclépio, o altar de Asclépio, o Epitodeo, o *tholos*, a Biblioteca, o Templo de Afrodite e a cisterna, momento em que se deu um grande processo de ampliação do santuário, constituindo-se no auge de sua monumentalização (Tabela 1, abaixo).

Tabela 1: *Asklepieion* de Epidauro- estruturas.

Estruturas	Cronologia		
	Séc. V AEC	Séc. IV AEC	Séc. III AEC
<i>Katagoeo</i>			X
Banheiros		X	
Ginásio			X
Templo de Ártemis		X	
Templo de Têmis		X	
Templo de Apolo (Pítio)		X	
Templo de Asclépio		X	
Altar de Asclépio		X	
<i>Epitodeo</i>		X	
<i>Tholos</i>		X	
<i>Encoimeterion</i> (stoá de incubação)	X		
Estádio			X
Banhos	X		
Biblioteca		X	
Templo de Afrodite		X	
Cisterna		X	
Poço	X		
Propileu			X
Muros	não há	não há	não há

Do século V AEC constam apenas o *encoimeterion* (ou *stoá* de incubação, o local onde os doentes suplicantes pernoitavam), os banhos e o poço. Essas estruturas, que se mantiveram em uso para além do século III AEC, já seriam suficientes para a execução do trabalho de cura no santuário.

Ocorreu, assim, no século IV AEC, a ampliação do santuário, com a renovação e reforma dos edifícios, além construção de novos espaços. Infelizmente não foram encontradas descrições detalhadas sobre quais construções sofreram que tipo de modificações. É possível inferir, nesse caso, tendo em vista a reforma monumental que aconteceu nesse período, que houve o aumento de popularidade do culto. Em meados doséculo III AEC foram construídos o *katagoeo* (estrutura de acolhimento dos fiéis) e o ginásio. As construções do ginásio e do *katagoeo* sugerem uma sofisticação do ritual realizado no santuário, com pousada estruturada para a recepção de peregrinos, além de um *hestiatóron* para banquetes sacrificiais, poços, fontes e banheiros construídos próximo ao edifício de recepção ao

santuário. Essas estruturas, todavia, bem como o sistema de abastecimento de água foram destruídas no século I AEC, quando houve uma destruição quase completa do *Asklepieion*, o que sugere que uma verdadeira ruptura ocorreu nas atividades tradicionais de culto. Essas mudanças profundas provavelmente pavimentaram o caminho para as formas não tradicionais de culto, certificadas nos períodos seguintes (MELFI, 2007, p. 82).

O *katagogeio* e o ginásio parecem ter caído no abandono e sofreram renovações e alterações durante o período imperial romano, como parte do programa de reconstrução iniciado pelo imperador Antonino Pio, cujo governo se estendeu do ano 138 ao 161 EC, que procurou associar-se ao deus-herói, como podemos ver na figura 1 (abaixo), de um *aureus* (moeda de ouro) escavado na antiga cidade de Tomis (atual Constança, na Romênia):

Figura 1: *Aureus* emitido durante o governo de Antonino Pio mostra o imperador no anverso e Asclépio com o seu cajado rodeado por uma serpente no reverso.



Fonte: <https://www.romaniancoins.org/romanianancientcoins/tomis_antoninus_pius_asclepios.html>, acesso em 20 de agosto de 2025.

O século I AEC foi um período em que a popularidade do culto e do Santuário de Asclépio parece ter chegado ao seu nível mais baixo. Para esse século, existem referências epigráficas de apenas sete dedicatórias, sendo duas do mesmo funcionário do santuário, duas outras de celebração a um sócio honorário e as demais de homenageados entre as famílias mais proeminentes de Epidauro. Nesse importante período, é perceptível a transição da iniciativa pública para a liberalidade privada, sendo características deste movimento o aumento das inscrições relativas aos trabalhos de alguns personagens e a prática de reutilização de antigos monumentos. Estes fenômenos são confirmados pelas fontes literárias

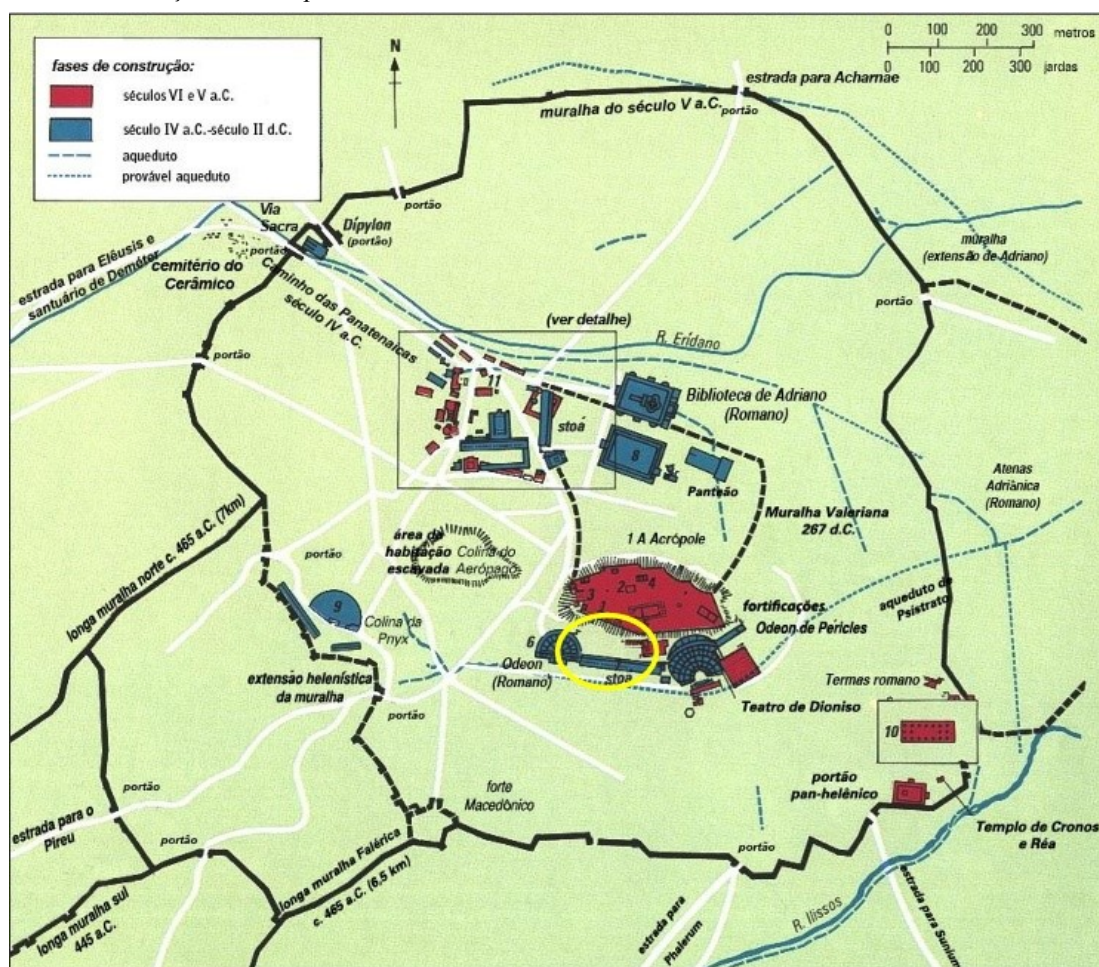
relativas ao *Asklepieion* (Diodoro, Plutarco e Pausânias), que também descrevem um quadro de saques e destruições, confirmado arqueologicamente.

No início do século I EC, os monumentos e as oferendas votivas foram saqueados enquanto o espaço encontrava-se em completo abandono. A causa de tal destruição tem sido atribuída, com base em fontes literárias, tanto ao saque do general romano Sila, ocorrido no século anterior, como às incursões de piratas na região. No ano 74 EC, o comandante romano Marco Antônio Crético instalou um presídio militar em Epidauro.

O asklepieion de Atenas

O *Asklepieion* se localizava na encosta sul da acrópole de Atenas, portanto dentro da *ásty* (o espaço urbano da pólis), entre o teatro de Dioniso e o Odeon de Herodes Ático (em destaque na planta 6, abaixo).

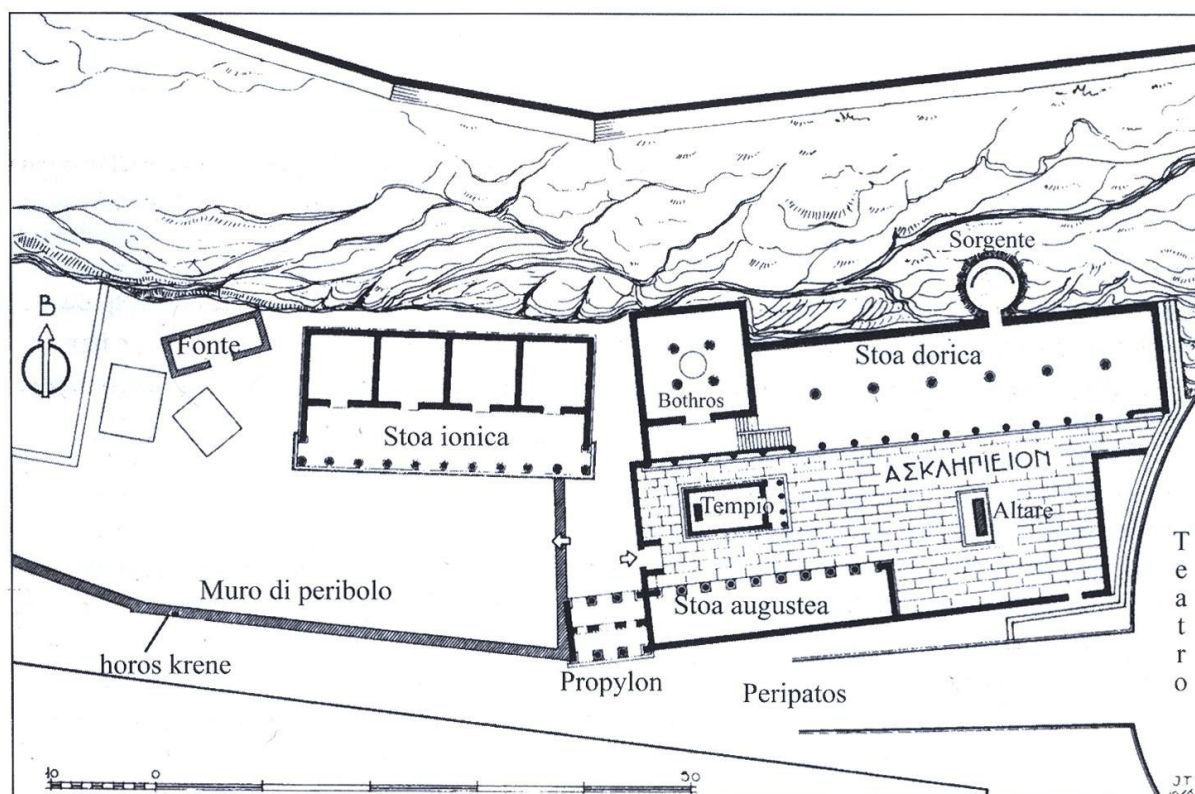
Planta 6. Localização do *Asklepieion* de Atenas



Fonte: MELFI, 2007.

As estruturas que compunham o santuário ficavam cercadas por um muro de *peribolo* e as paredes da *stoá* augusta, tendo como único acesso, o propileu (Planta 7). A primeira entrada, à direita do propileu, dava acesso ao interior da *stoá* augusta, ao templo dedicado a Asclépio e Higieia, ao altar, à *stoá* dórica e ao *bothros* (fosso para libações e sacrifícios). À esquerda do *propileu*, a entrada pela *stoá* jônica dava acesso à área cercada pelo muro de *peribolo* e à fonte. O acesso ao propileu se dava através do *peripatos* ou entrada principal (TRAVLOS, 1971). Pausânias mencionou que o santuário era digno de ser visto devido às estátuas do deus e das suas filhas, além de pelas belas pinturas. Ele menciona, também, uma fonte e a existência de um templo dedicado a Têmis, localizado entre o santuário e a acrópole (Pausanias, I, 21.; I, 22,1).

Planta 7. O *Asklepieion* de Atenas.



Fonte: MELFI, 2007, p. 317.

Com relação ao *Asklepieion* de Atenas, existe uma vasta literatura científica que inclui numerosos estudos sobre questões arquitetônicas, epigráficas e histórico-religiosas (MELFI, 2007, pp. 313-314).

Durante a grande peste de 429 AEC, a Paz de Nícias restaurou o relacionamento amigável entre as cidades de Atenas e Epidauro, possibilitando que, no ano 420 AEC, o culto

de Asclépio fosse levado a Atenas através do porto de Zea, no Pireu, onde o primeiro *Asklepieion* da Ática foi estabelecido.

A cidade de Atenas recebeu Asclépio – e sua plêiade de divindades salutare vindas de Epidauro – em um momento de emergência sanitária e desilusões profundas pelo curso dos eventos político-militares. Com base na documentação epigráfica, o surgimento da prática do culto a Asclépio no sopé da Acrópole pode ser colocado entre o século IV AEC e meados do século III EC (Melfi 2007, pp. 408). Durante esse período, o momento de maior sucesso do culto se deu entre a metade do século IV AEC e os séculos I-II EC (Tabela 2).

Tabela 2. O *Asklepieion* de Atenas.

Estruturas	Cronologia		
	Séc. V AEC	Séc. IV AEC	Séc. III AEC
Templo de Asclépio e Hígieia	X		
Altar	X		
Muro de peribolo	X		
Fonte	X		
Bothros (fosso para libações e sacrifícios)	X		
Stoa dórica (ábaton)		X	
Pelargikon	X		
Peripatos (entrada principal)	X		
Katagogeio		X	
Propileu		X	
Stoa Jônica	X	X	
Muro de peribolo	X		

Por volta de 300 AEC e na primeira metade do século I EC, em função da necessidade de expansão, reestruturação e recepção de visitantes, foram realizadas intervenções arquitetônicas importantes no santuário. Essas reformas foram feitas por funcionários e cidadãos atenienses, ao contrário do que ocorria no *asklepieion* de Epidauro, onde as reformas resultaram de intervenções programáticas externas.

O culto ateniense a Asclépio, ao longo de toda a sua história, foi um fenômeno local, ligado ao desenvolvimento da história e da topografia da cidade, bem longe da dimensão pan-helênica de um santuário como o de Epidauro.

O santuário ficava a leste do antigo períbolo do *Pelargikon*, ocupando o espaço livre frontal pertencente ao *Eleusinion* ateniense. Foi ofertado ao novo deus pela família sacerdotal dos Kerykes. Como indica a inscrição existente no Monumento a Telêmaco, o Santuário possuía um propileu de madeira. Assim, parece provável que o Santuário funcionasse inicialmente com construções provisórias de madeira, que foram substituídas por edifícios de mármore no curso do século IV AEC. Não obstante, o aspecto do *asklepieion* ateniense, delineado em fins do século V AEC, deve ter se mantido inalterado durante o século seguinte, até a construção da *stoá* dórica, por volta de 300 AEC, que alterou profundamente a topografia geral do sítio (MELFI, 2007: 332).

O *asklepieion* de Atenas era cercado por um muro de períbolo do qual curtos trechos de sua estrutura conservam-se próximos ao analemma do Teatro de Dioniso e ao longo da margem sul da região ocidental da área sagrada. A técnica de construção parece ser de fins do século V AEC.

Analisando a relação Epidauro-Atenas, a construção da *stoá* dórica sugere um alinhamento ao modelo de Epidauro do século IV AEC, através da assimilação dessa estrutura pelo *asklepieion* ateniense – assim como fizeram uma série de outros santuários que, no mesmo período, adotaram igual estilo construtivo de *stoá*, com fonte interna e estrados para a realização da incubação. No caso de Atenas, o santuário adquiriu, daí por diante, todas as prerrogativas que o caracterizariam, nos séculos seguintes, como um verdadeiro *asklepieion*: espaços bem definidos para incubação, banquete, sacrifício e oferendas.

Nos anos finais do século IV AEC, em suma, há uma “expansão” geral de *asklepieia* conhecidos, onde os núcleos básicos consistem no templo, altar, *trapezai* e, pelo menos, um edifício multifuncional. Além disso, surgiram estruturas mais complexas, principalmente para a recepção de visitantes e o aproveitamento dos recursos hídricos. Isso se aplica ao *asklepieion* de Atenas e à sua *stoá* dórica, equipada com calçadas e ligada diretamente a uma fonte.

O quadro geral do culto no século III AEC, obtido com base na documentação textual, faz crer em uma regulamentação das manifestações devocionais, depois do grande sucesso no século IV AEC.

Para o século II AEC, a documentação é muito mais escassa do que para os séculos anteriores. A aparente ausência de informação sobre construções feitas no santuário, combinado com o pequeno número de inscrições encontradas levam a crer na redução da popularidade do culto.

O século I AEC, para o asklepieion de Atenas, foi marcado pelo início de uma série de projetos de construção, obliterados pelo saque do general romano Sila, em 86 AEC. Muitos monumentos do santuário haviam sido restaurados, o que foi testemunhado pela documentação epigráfica e arqueológica, mesmo que o culto tenha perdido seu vigor ao longo do século II AEC. Essa renovação parece ter sido conduzida através do custeio de poucos indivíduos, aparentemente das famílias mais importantes de Atenas (MELFI, 2007, p. 358).

O desenvolvimento monumental do santuário parece terminar com as realizações do período de Augusto e Tibério. Apesar de poucas obras de manutenção, a documentação epigráfica não conservou traços de posteriores intervenções construtivas nos edifícios sacros.

A stoá dórica, construída por volta de 300 AEC, que teve um papel importante para a identificação dos anos finais do santuário – passou por uma restauração, respeitando suas estruturas originais, no período seguinte ao saque de Sila.

Na região que inclui a cidade de Atenas é, de fato, comprovado o impacto violento causado pela chegada da religião cristã. A apropriação do lugar do culto politeísta por parte dos cristãos foi seguida por ações violentas, como a raspagem da superfície das estruturas preexistentes, para transformá-las em edifícios cristãos, além do corte dos relevos e das estátuas votivas.

Através das fontes neoplatônicas do século V EC, é possível notar a difícil passagem do politeísmo tradicional para a religião cristã. Proclo, por exemplo, era um filósofo que pregava no antigo *asklepieion*, em função da importância desse espaço como referênciapara a vizinha escola neoplatônica (GREGORY, 1986: 237-238).

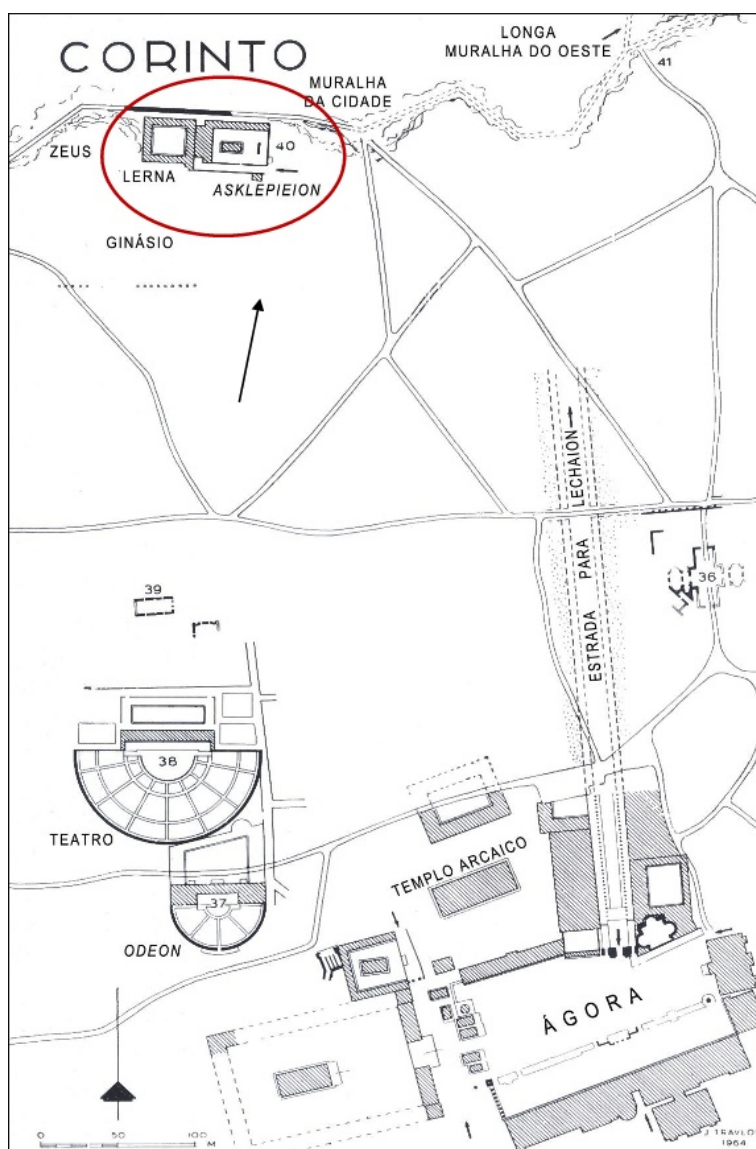
O culto de Asclépio, tal como era realizado na Antiguidade, terminou com a invasão de Atenas pelos émulos em 267 EC. O lugar de culto deve ter sido deixado num estado de abandono ou semiabandono, a ponto de ser usado como uma espécie de pedreira para coleta de material de construção (MELFI, 2007, p. 407).

O asklepieion de Corinto

Desde os últimos anos do século IV AEC, o *asklepieion* surgiu como um local de culto de pequenas dimensões, construído no limite da área urbana (Planta 8), provavelmente para manter a fonte do lado interno dos muros da cidade (MELFI, 2007, p. 292). Essa fonte, por sua vez, fazia parte do lado norte da antiga Corinto, que englobava o Ginásio, a Lerna e todos os edifícios do complexo que usam a mesma fonte de abastecimento de águas, ligada ao

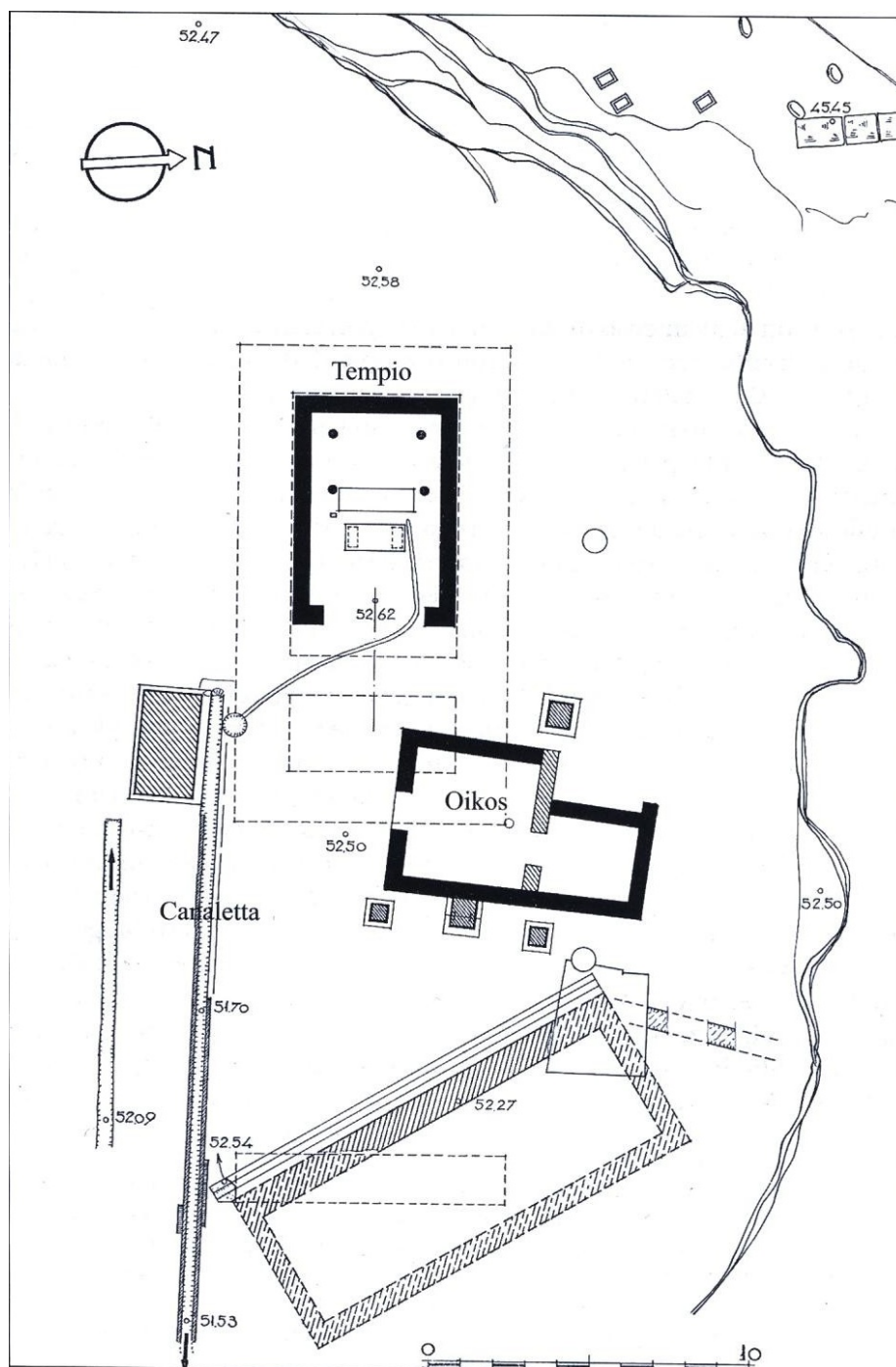
recolhimento de águas das fontes subterrâneas e da superfície (MELFI, 2007, p. 292). É provável que o *asklepíeion* tenha sido destruído por um terremoto em fins do século IV AEC., assim como muitos outros edifícios da cidade. Neste contexto, o *asklepíeion* foi reconstruído de acordo com o cânone dos *asklepíeia* mais frequentados do mundo grego, de modo que é possível delinear, ao menos superficialmente, a reconstituição, mesmo na ausência de vestígios arqueológicos e epigráficos (MELFI, 2007, p. 292) (Plantas 9 a 11).

Planta 8. Localização do *asklepíeion* em relação à cidade.

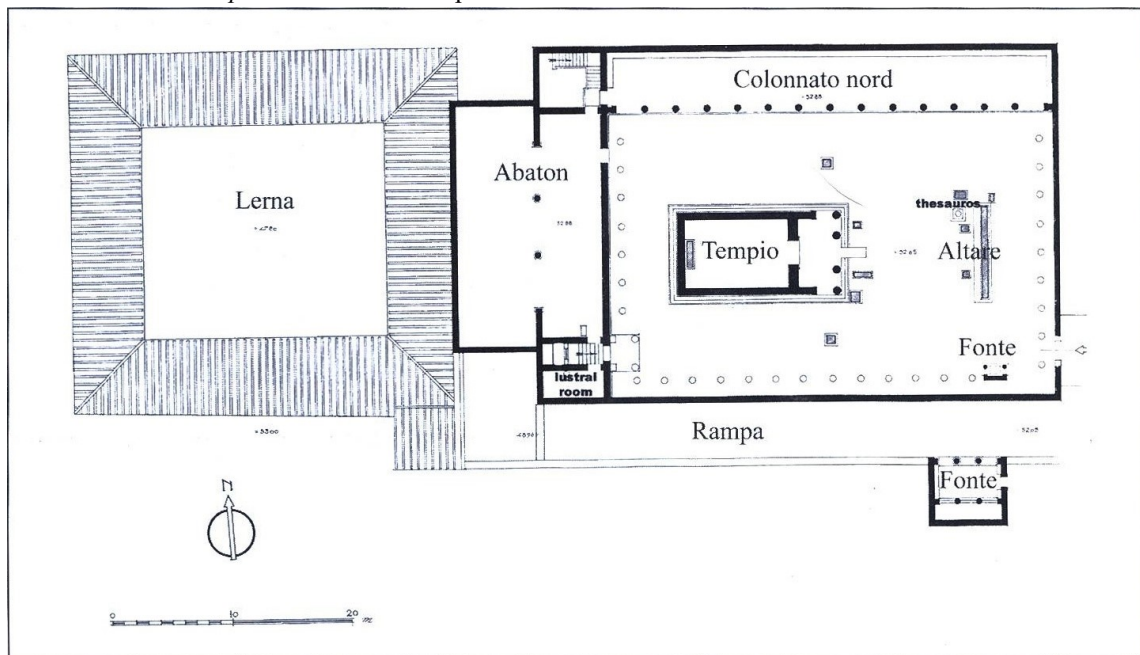


Fonte: ROBINSON, 1965, p. 10.

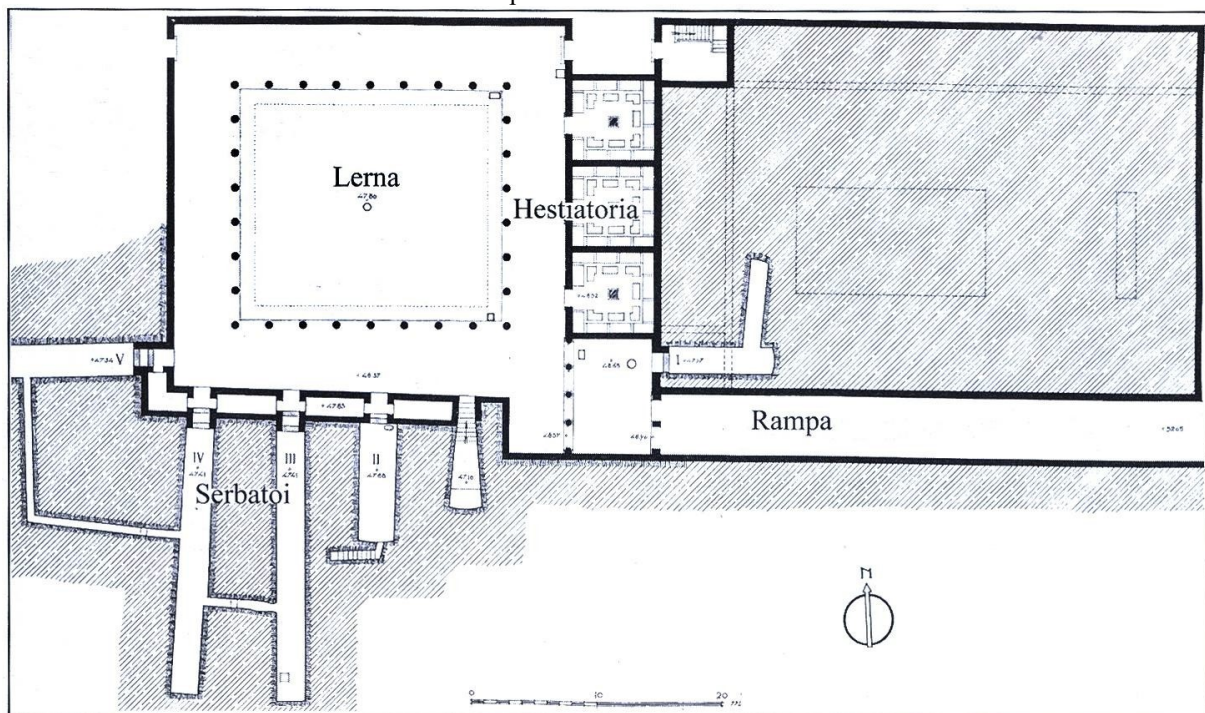
Planta 9. *Asklepieion* de Corinto na primeira fase de construção.



Fonte: MELFI, 2007, p. 291).

Planta 10. *Asklepieion* de Corinto no período helenístico.

Fonte: MELFI, 2007, p. 294.

Planta 11. Edifícios helenísticos no nível do pátio Lerna.

Fonte: MELFI, 2007, p. 295.

No caso de Corinto, apesar da falta de dados epigráficos e arqueológicos, há segurança suficiente para datar os monumentos permanentes do complexo em *c.* 300 AEC, não só devido a sua coincidência com a ocultação dos depósitos votivos, datados entre o final do

século IV e início do V AEC, mas também pela comparação com a destruição e reconstrução simultânea de uma série de outros monumentos de Corinto. Assim, a partir de 300 AEC, podemos dizer que o *asklepieion* de Corinto entrou em uma segunda fase da existência.

A área sagrada era delimitada de forma precisa pelo nivelamento da colina, tradicionalmente ocupada pelos edifícios de culto, e foi estendida até uma depressão no terreno adjacente, em direção oeste, caracterizada pela presença da fonte. O Asklepieion de Corinto, que ficava bem próximo ao muro, teve a sua localização escolhida provavelmente em função de uma nascente d'água, necessária para os trabalhos no santuário.

Ao norte, a poucos metros de distância de uma fonte, estão as muralhas da cidade, reconstruída em função da reestruturação do complexo sacro. A zona oriental do complexo, a qual se chega pelo leste, foi delimitada, a sul e a leste, por paredes e, a norte e oeste, por uma colunata e uma série de ambientes distribuídos em dois andares.

O templo, um próstilo tetrastilo dórico, localizado em posição central, constituía-se numa ampliação de uma capela original.

A falta de dados epigráficos relativos à segunda fase de construção do asklepieion pode ser atribuída à escassez geral de referências desse tipo em Corinto. De fato, a impressão geral é que, quando a cidade foi destruída pelos romanos, em 146 AEC, a maior parte da documentação epigráfica também o foi.

Apesar da falta de dados arqueológicos precisos, os estudiosos acreditam que a estruturação definitiva do santuário se deu por volta do ano 300 AEC. Isso parece razoável não só devido à ocultação de depósitos votivos no final do V e no IV século AEC, mas também se tomando por base a destruição e reconstrução simultânea de uma série de outros monumentos nessa mesma pólis.

Por outro lado, a datação do complexo em torno do ano 300 AEC, além de atender às exigências da história local, reforçou o desenvolvimento geral dos santuários na Grécia. Se for levado em conta, adicionalmente, que, na mesma época, foi construída a stoá dórica do asklepieion ateniense e deu-se a conclusão do programa construtivo de Epidauro, através da ereção de uma série de edifícios como o ginásio, o katagogeio e a stoá de Cotis, além do Propileu e a fonte.

Entre as construções pertencentes ao século IV AEC está a Lerna, um complexo multifuncional usado pelos doentes no qual poderiam tomar banho, passear ao longo dos pórticos e usar os hestiatória.

No período romano, a Lerna veio a fazer parte do complexo do ginásio. O pórtico norte do ginásio foi instalado em uma rampa, bloqueando definitivamente a passagem externa. Por conta disso, foi necessária a construção de um acesso entre o pórtico norte e a fonte subjacente ao pátio. Essa ligação foi mencionada por Pausânias (II 4,5): “(...) próximo ao teatro está o antigo ginásio e uma fonte chamada ‘Lerna’; ao redor dela estão colunas onde os visitantes podem se refrescar no verão”.

Em 146 AEC deu-se a destruição definitiva de Corinto pelas tropas de Múmio. De forma geral, acredita-se que a cidade tenha sido atingida de tal forma que se manteve desabitada por mais de um século (WALBANK, 1997, pp. 95-97).

Assim, no contexto dos acontecimentos de 146 AEC, está a destruição do santuário coríntio, atestada pela acumulação e planificação de vestígios sobre a rampa do recinto sagrado, antes da construção de muros e câmaras que serviram de apoio ao pórtico norte do ginásio.

Poucos anos após a refundação da cidade, em 44 AEC, os dados arqueológicos e epigráficos parecem documentar as primeiras restaurações no asklepieion. A prova mais evidente é o vestígio de um epistilo dórico pertencente ao templo de Asclépio que estava revestido por uma espessa camada de gesso sobre a qual foi encontrada uma inscrição em Latim. A inscrição demonstra que o santuário de Asclépio foi o primeiro lugar de culto grego na colônia romana de Corinto a ser novamente fundado em nome da divindade original, recebendo as restaurações adequadas.

O asklepieion foi monumentalizado no I século EC, o que ficou perceptível através do alargamento do ginásio, que passou a se estender da ala norte até o limite sul do asklepieion. Nesse contexto, foi completada a separação da Lerna e do santuário. Do ponto de vista do culto, o asklepieion continuou a prosperar mesmo depois do terremoto ocorrido em 77 EC e, do ponto de vista da história construtiva, o templo de Asclépio teve seu teto restaurado no século II EC, um dado comprovado a partir de fragmentos de sima e terracota encontrados.

O espaço sacro ficou organizado, então, em duas áreas com níveis diferentes: a área oriental, onde se localizavam os edifícios de culto, e a ocidental, com a fonte monumental.

A última restauração do santuário de Corinto foi no século II EC, de forma concomitante com muitos outros asklepieia na Grécia. Tais circunstâncias podem ser confirmadas com base em documentos monetários. As únicas moedas cunhadas em Corinto que representavam Asclépio e Higieia são aquelas pertencentes ao período de Antonino Pio.

Considerações finais

No presente trabalho, discutimos a mitologia que envolve o deus-herói Asclépio além do desenvolvimento do seu culto na Grécia dos períodos clássico, helenístico e romano através da análise da história construtiva dos santuários de Epidauro, Atenas e Corinto. Esses santuários foram o ponto de partida para o que veio a ser a Medicina ocidental e, em certo sentido, assemelhavam-se aos modernos spas, pois o doente suplicante passava por processos de higienização e relaxamento no seu caminho para a recuperação da saúde.

Referência Bibliográfica

BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

GREGORY, T. The Survival of Paganism in the Christian Greece. A Critical Essay. *American Journal of Philology*, 107, 1986, pp. 229-242.

GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HANSEN, M.; NIELSEN, T. *An inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

LAMBRINOUDAKIS, V. *Ιερον Μαλεατου Απολλωνος εις Επιδαυρον*. *PAE* 1974, pp. 92-101.

MELFI, M. *I Santuari di Asclepio in Grecia*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2007.

PAPADIMITRIOU, I. *Ανασκαφη εν το Ασκληπιειω και εν το ιερω Απολλωνος Μαλεατα εν Επιδαυρω*. *PAE* 1948, pp. 90-111.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Translated by W. H. S. Jones. London: William Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1959. V volumes (The Loeb Classical Library).

SAGLIO, E. "Asklepeion" s.v. In: DAREMBERG, C.; SAGLIO, E. (dir.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines d'après les Textes et les Monuments*. Vol. I. Paris, Hachette: 1892, pp. 470-472.

TRAVLOS, J. *Pictorial Dictionary of Ancient Athens*. Londres: Thames and Hudson, 1971.

WALBANK, M. E. The Foundation and Planning of Early Roman Corinth. *Journal of Roman Archaeology*, 10, 1997, pp. 95-130.